

FLIGHT: EM BUSCA DA IDENTIDADE PERDIDA

Dra. Jane Brodbeck(ULBRA)¹

RESUMO: Pretende-se, no presente artigo, analisar o romance de Sherman Alexie, *Flight*, lançado em março de 2007, sob a ótica do dialogismo de Bakhtin e das relações transtextuais de Genette, tendo em vista que a intertextualidade sempre representou um aspecto fundamental na obra de Alexie, evidenciando inter-relações com outras obras conhecidas da literatura estadunidense bem como a interface com outras linguagens como o cinema, a música, programas de televisão a cabo, cartuns, etc. O processo sucessivo de troca de identidades pelo narrador, possibilita que o leitor experimente, juntamente com o narrador, a perspectiva histórica/ficcional de fatos que compõem o imaginário popular e que incorporam o passado da história americana.

Palavras-chave: intertextualidade, interface, dialogismo, narrador autodiegético, Sherman Alexie

No início de *Flight*, o leitor se depara com o seguinte enunciado: “Chamai-me Zits”, que o remete a famosa frase que inicia *Moby Dick*, o clássico de Herman Melville: “Chamai-me Ismael”. Utilizando-se do recurso da intertextualidade², Sherman Alexie, parodia uma das falas mais conhecidas do clássico de Melville, valendo-se de um narrador em primeira pessoa que, durante o desenrolar da sua história, se apropria não somente de citações e alusões a outros clássicos da literatura estadunidense, mas também, dos mais variados gêneros e subgêneros literários, praticando o que Bakhtin chama de “gêneros intercalados ou enquadrados”, que introduzem e organizam o plurilingüismo no romance (BAKHTIN, 1998, p. 127). Diante disso, através da concepção de leitura de Roland Barthes, ao afirmar que o *eu* do enunciado “Eu leio o texto.”, “não é um sujeito inocente, [mas sim] uma pluralidade de outros textos, de códigos infinitos” (BARTHES, 1970, p. 16), valho-me da minha condição de leitora para realizar uma investigação sobre o romance de Alexie com o intuito de “apreciar o plural de que ele é feito” (BARTHES, 1970, p.13), ou seja, analisar as conexões que se estabelecem com outras obras e linguagens.

Flight, lançado em março de 2007, marca o retorno de Sherman Alexie após um silêncio de quase quatro anos, tendo em vista que seu último trabalho, uma antologia de contos intitulada *Ten Little Indians*, foi publicado em 2003. De forma diversa de todos os seus outros trabalhos, *Flight* apresenta um narrador índio adolescente, um personagem urbano, nascido de mãe irlandesa e de pai índio, que “desapareceu como um mágico cruel dois minutos após [ele] ter nascido” (ALEXIE, 2007, p.5)³ e que viveu em vinte lares diferentes e frequentou vinte e duas escolas diferentes (p. 7). O narrador que se intitula Zits, o qual ele afirma não ser o seu nome verdadeiro, demonstra desde as primeiras linhas a sua total assimilação ao sistema americano. Se nos primeiros poemas/contos de Alexie, os personagens moram nas reservas, Zits apenas se distingue dos brancos de Seattle pelo cabelo preto e o nariz largo dos índios. Uma de suas preocupações refere-se ao número de espinhas (zits) que ele conta no seu rosto: “Uma, duas, três, quatro, até chegar a quarenta e sete. Quatorze espinhas na minha testa. Vinte e uma na minha bochecha esquerda. Seis na minha bochecha direita. Cinco no meu queixo. Uma grande Estrela do Norte brilha na ponta do meu nariz.” (p.4).

A partir desse fato, pode-se deduzir que seu nome inventado tenha origem nas suas espinhas, mas como se trata de um adolescente índio, há uma grande probabilidade que o nome esteja também relacionado com uma outra fonte proveniente da cultura popular americana, um produto da

¹ Universidade Luterana do Brasil. Departamento de Língua e Literaturas da Língua Inglesa. E-mail: j.tb@cpovo.net .

² Nomenclatura utilizada por Gerard Genette.

³ Todas as traduções do inglês para o português do romance *Flight* e dos ensaios de Jonathan Culler e Paula Gunn Allen foram feitas pela autora do trabalho.

cultura de massa, as tiras de jornais. Zits é um adolescente de quinze anos, um personagem muito conhecido, criado por Jerry Scott e Jim Borgman, em 1997, “que deseja ser um músico de rock, angustiado e entediado cujos pais não entendem nada”⁴. Por outro lado, o narrador de *Moby Dick*, Ismael, aparece na Bíblia como o primeiro filho de Abraão no antigo testamento. O nome Ismael simboliza os órfãos, os exilados e os excluídos da sociedade, semelhante à posição de Zits na sociedade americana, por ser órfão e índio. Dessa forma, apesar da distância temporal que permeia mais de um século entre a publicação de *Moby Dick* e *Flight* bem como os contextos diferentes - uma América em pleno desenvolvimento industrial e a América do século XXI pós nove de setembro, ambos os narradores expressam a mesma condição de párias numa nação que tem os WASPs (White Anglo Saxon Protestants) como paradigma.

Quando Zits fala dos mais de vinte diferentes lares por quais ele andou, ele faz referência a três romances de autores americanos: *As vinhas da ira*, *Winter in the Blood* e *A zona morta*. O primeiro deles tornou-se um clássico, escrito por John Steinbeck, na década de trinta, e que trata exatamente da depressão nos Estados Unidos, quando a economia atingiu níveis alarmantes de insolvência, levando milhares de desempregados a migrarem de suas casas para a Califórnia, a fim de trabalharem como empregados temporários nas fazendas. Por sua vez, *Winter in the Blood* (1974), escrito por James Welch, tornou-se um clássico na literatura indígena americana, cujo narrador não tem nome, retratando as condições desumanas a que os índios das reservas são submetidos em virtude do desaparecimento da cultura indígena com a morte dos sábios. Finalmente, *A zona morta* (1979), escrito por Stephen King, um autor de best-sellers, conta a vida de um professor que, após sofrer um grave acidente e retornar do coma, descobre que possui poderes para ver o futuro das pessoas. Todos esses romances apresentam de alguma forma relações entre si e com o romance de Alexie, seja pelo narrador em primeira pessoa, como no caso de *Winter in the Blood*, seja pelas condições adversas que formam o cenário de *As vinhas da ira*, e, finalmente pelo fato de o narrador em *Zona morta* acordar diferente do que era, semelhante aos processos de transformação do narrador de *Flight*, o que caracteriza a transtextualidade de que fala Genette.

De certa forma, as afinidades que se estabelecem entre os romances citados, publicados em décadas anteriores ao romance de Alexie, corroboram a afirmação que Culler faz quanto ao fato que a intertextualidade “chama a nossa atenção para a importância de textos anteriores, insistindo que a autonomia de textos é uma noção enganosa e que um trabalho possui determinado significado somente porque certas coisas foram previamente escritas” (CULLER, 2002, p. 114). Ao citar *Winter in the Blood*, Alexie estabelece um elo entre o narrador adolescente, pertencente à geração do final do século XX e o narrador de James Welch, da década de 70, que pertence a um momento de resgate do conceito de identidade indígena, através da transcendência da realidade mundana, reintegrando-se “‘ao caminho sagrado’, que define a identidade coletiva do povo”, como afirma Paula Gunn Allen (1996, p. 10). Zits, por sua vez, apresenta algumas semelhanças com o próprio autor (Alexie), nascido na década de sessenta, que, ao invés de vivenciar costumes tribais, cresce sob a influência da cultura popular americana, um universo repleto de ícones como Marilyn Monroe, James Dean, Marlon Brando, seriados da televisão, filmes de faroeste. As preferências musicais de Zits são uma mistura de garage rock, punk rock e indie rock, sendo que todas as manhãs ele acorda ao som de seus conjuntos preferidos: White Stripes, PJ Harvey, Yeah Yeah Yeahs, Kanye West que servem para “deixá-lo furioso e excitado ao mesmo tempo”, como diz Zits ao comentar o seu despertar (ALEXIE, 2007, p. 1).

Quando Zits inicia a sua viagem no tempo, mais precisamente no capítulo IV, Alexie utiliza a ficção científica para descrever as transformações do narrador em períodos históricos distintos, o que não causa estranheza, tendo em vista o sucesso desse gênero na literatura e cinema americanos tanto em termos de leitores quanto de espectadores. Em *Flight*, Zits faz referência a filmes do gênero tais como *Guerra nas estrelas* (1977-2005) e *A outra face* (1997), que se tornaram *blockbusters*

⁴ Disponível em: <<http://www.kingfeatures.com/features/comics/zits/about.htm>> Acesso: 15 jul 2007. Tradução da autora.

nos Estados Unidos, além de fazer uso de uma epígrafe do conhecido livro de Kurt Vonnegut, *Matadouro cinco* (1969). Todos esses filmes estão relacionados com as cinco viagens e as subseqüentes metamorfoses do narrador, sendo que a cada mudança de corpo e identidade, Zits revisita lugares e acontecimentos históricos relacionados com a trajetória dos índios americanos até o encontro com si próprio.

Na primeira transformação, Zits acorda num quarto de hospital com um novo rosto, um novo nome, uma nova identidade: a partir daquele momento ele se chama Hank Storm, trinta e cinco anos, casado, e agente do FBI, semelhante ao personagem do filme *A outra face*, Sean Archer (John Travolta), também agente do FBI e que muda de rosto para conseguir informações do irmão de um terrorista, Caster Troy (Nicolas Cage), que é o vilão da história. Diante desse mesmo artifício e, tendo em vista, que o filme foi lançado dez anos antes do romance de Alexie, a intertextualidade torna-se evidente, tanto que o narrador cita o filme: “É como o filme com John Travolta,” eu digo. “Aquele onde ele troca de rosto com Nicolas Cage. Eu não sabia que isso acontecia na realidade” (ALEXIE, 2007, p. 40). Neste episódio, Zits/Storm tem um encontro com dois índios ativistas do movimento Indigenous Rights Now (IRON), chamados Horse e Elk, em 1975, em Red River, Idaho (onde se encontra uma grande reserva dos Coeur d’Alene, tribo do pai de Sherman Alexie). Ao se deparar com os índios, Zits/Storm se dá conta que ele (enquanto Zits) conhecia aqueles índios. “Aqueles caras são super famosos”. [...] “Famosos para os índios, pelo menos. Eu vi um documentário sobre a guerra civil em Red River. Esse é o lugar em que o IRON protegia os índios tradicionais dos índios malvados que trabalhavam para o governo” (ALEXIE, p. 47). Quando Zits/Storm finalmente se encontra com eles, percebe que os índios eram traidores, pois trabalhavam como espiões para o FBI, auxiliando na tortura de outros índios para obter informações sobre futuros movimentos de protestos.

Na segunda transformação, Zits constata que ele se encontra no meio de um acampamento indígena gigantesco, mas que este não se assemelha às imagens que o governo americano, a mídia e Hollywood construíram, ao longo das décadas, “tipo Disneylândia, Nickelodeon⁵, montanha russa, animal empalhado, algodão doce” (p. 59). Efetivamente, o acampamento onde Zits se encontra tem milhares de tendas e de índios reais. O comentário de Zits sobre os índios do acampamento demonstra, de certa forma, a violência a que ele foi submetido quando o levaram a mais de vinte lares desconhecidos, a tal ponto que somente através desses deslocamentos no tempo, ele consegue vivenciar as suas origens indígenas (por parte de pai). O desconhecimento que ele tem sobre os índios é visível quando ele afirma que tudo o que ele sabe sobre os índios foi através da televisão. No entanto, “Estes índios são como os índios costumavam ser, como se supunha que eles fossem. [...] Estes índios dos velhos tempos tem a pele escura. Não existem índios mestiços com uma cor pálida e com olhos verdes por aqui” (ALEXIE, 2007, p.59).

No acampamento, Zits, aos poucos, vai compreendendo que ele está metamorfoseado numa criança, e que seu pai está ali, bem próximo a ele.

Talvez Deus tenha me perdoado e me enviou para o paraíso. Talvez este acampamento indígena seja o paraíso - um paraíso que cheira mal. [...] talvez ele não tenha me perdoado completamente, então ele me colocou num corpo de um garoto sem voz. Mas, para mim está bem. Eu posso viver sem voz desde que este homem, meu novo pai, me ame do jeito que ele me ama.[...] Eu tenho uma família. Uma verdadeira família. Eu sou feliz pela primeira vez em minha vida (ALEXIE, 2007, p. 65).

O fato de viver no futuro (século XXI), permite ao narrador prever a morte de todos aqueles índios, devido às doenças, ao massacre dos soldados da cavalaria americana, além da expulsão do território em que se encontram por ordens do presidente Andrew Jackson (1830), sendo obrigados a conviver em reservas onde eles morrerão de fome em acampamentos gelados próximos a rios con-

⁵ Nickelodeon é um canal de TV a cabo para crianças com sede nos EUA.

gelados. Ele também prevê o seqüestro das crianças indígenas, que são enviadas aos reformatórios onde o seu cabelo será cortado e serão espancados por falarem a sua língua tribal. (ALEXIE, p. 67).

O narrador, neste episódio, estabelece um diálogo com o passado histórico dos índios americanos, utilizando o recurso da ficcionalização de fatos e heróis, mostrando-os sob uma nova perspectiva para o leitor. Dessa forma, através do relato de Zits sobre os preparativos dos índios para o combate com George Armstrong Custer e sua famosa Sétima Cavalaria, na batalha de Little Bighorn (1876), em que Custer morre, o leitor experimenta uma visão particularizada sobre fatos que, durante muitos anos foram reproduzidos conforme a ideologia do poder dominante das diferentes épocas. Zits se emociona ao reconhecer Crazy Horse, “o famoso guerreiro índio que matou centenas de homens brancos” (p.67), descrevendo Custer como “um egocêntrico louco que pensa que vai ser o presidente dos Estados Unidos [...] um dos maiores idiotas da história americana” (p.69), uma opinião que contrasta radicalmente com a construção mítica de Custer pelos historiadores do século XIX.

Na terceira transformação, Zits acorda num outro acampamento, repleto de soldados da Cavalaria dos Estados Unidos, que ele não consegue definir se pertencentes ao século XIX ou XVIII. Dessa vez, o narrador/personagem chama-se Augustus Sullivan, o melhor rastreador de índios em todo o exército americano. Neste episódio, Zits/Gus (como Augustus é chamado) tem a incumbência de levar os cem soldados ao acampamento de índios que massacraram famílias brancas inteiras no Kansas há dois meses. A missão de Gus é a de conduzir os soldados brancos juntamente com o general Mustache até a comunidade índia. Ao chegar no morro, de onde ele avista o acampamento, Zits/Gus começa a chorar ao se lembrar do massacre de uma garota branca e da violência a que sua mãe foi submetida, morrendo a poucos metros de sua filha.

As múltiplas transformações de Zits representam a fragmentação do sujeito moderno, numa época em que o conceito de identidade se distancia da noção iluminista do sujeito centrado, essencializado, que permanece o mesmo através de toda a sua existência (HALL, 1996, p. 275). Se Augustus Sullivan fizesse parte da literatura do século XIX, provavelmente o rastreador seria aclamado pelos seus pares como um verdadeiro herói. Entretanto, o mundo ficcional de Sherman Alexie é povoado por personagens e narradores em busca de sua própria história. Dessa forma, no momento em que os soldados adentram na comunidade, Gus, apesar de branco e sequioso por vingança, ao ver uma criança índia fugindo da perseguição de um soldado, decide proteger aquela criança da chacina eminente. Então, ao invés de se ouvir o discurso hegemônico do homem branco em relação aos índios, assistimos ao massacre da comunidade índia, através do testemunho de Zits, que se recusa a matar crianças e mulheres:

Eu gostaria de ter meu rifle comigo assim eu poderia me matar. Eu não quero ver nada mais. Eu quero ser cego, eu quero deixar este lugar. Eu não me importo para onde eu vá. Eu não me importo qual o corpo ou o período de tempo que me espera. Eu gostaria de sumir, de me tornar um fantasma, se eu puder me tornar um fantasma que não vê nem ouve (ALEXIE, 2007, p. 91).

Na quarta transformação, Zits assume a identidade de um homem branco, loiro, de olhos azuis, chamado Jimmy e que trabalha como instrutor de pilotos. Neste episódio, Zits/Jimmy narra a história de Abbad, etíope, muçulmano, que foi para os Estados Unidos há mais de quinze anos a fim de estudar engenharia mecânica e ter aulas de pilotagem. Após algumas aulas, Jimmy assiste pela televisão a explosão de um avião comercial, com trinta e seis passageiros a bordo, no centro de Chicago. Ele também assiste ao vídeo de Abbad, responsável pelo ato terrorista.

A respeito deste penúltimo episódio, Zits/Jimmy relata o preconceito existente na sociedade americana através de uma história que Abbad lhe contou logo que eles se conheceram a respeito da maneira como sete instrutores recusaram a ensiná-lo e um, em especial, pegou uma arma e o expulsou da sala, chamando-o de negro e dizendo que arrebentaria a sua cabeça se ele não saísse do seu local de negócio. A observação que Abbad faz sobre os Estados Unidos retrata a imagem marcada

pela intransigência, pelo sentimento xenofóbico, pelo desconhecimento de outras culturas e pelo medo que provêm desde a época colonial, quando os Puritanos condenavam todos que não fossem “brancos” e europeus.

“Vocês americanos amam o capitalismo”, [Abbad] diz. “Aquele homem não me disse para sair de sua casa, ou fora de sua vida. Ele não me mandou pro inferno ou de volta para a África ou de volta para onde que ele achava que eu tinha nascido. Não, ele me disse para sair de seu local de *negócio*. Negócio!” (ALEXIE, 2007, p.111).

Finalmente, a quinta e última transformação faz com que o narrador Zits adquira a identidade de seu próprio pai índio, completando a jornada em busca do autoconhecimento, da identidade perdida nos diversos lares de famílias brancas, que o tornaram um adolescente rebelde, cheio de ódio e com baixa auto-estima. O reencontro com o pai, ou melhor, a sua experiência como o pai índio o torna capaz de entender, pela primeira vez, as suas origens e exercer a sua indianidade. Se, nas primeiras páginas do romance, ele se queixava de lacunas em sua identidade, “[...] eu não sou realmente irlandês *ou* índio. Eu sou um buraco negro, um eclipse solar humano” (p.5), no momento em que ele se transforma no pai índio, ele se dá conta que o pai era um bêbado de rua, um fracassado, com cinquenta anos, usando tranças e uma camiseta suja com uma foto do guerreiro apache Jerônimo acompanhado da mensagem: “Lutando contra o terrorismo desde 1492” (p. 133).

No corpo do pai, Zits descobre o que é ser um índio pobre e bêbado, vivendo no meio de ratos e do próprio vômito. O encontro com um elegante casal de turistas o faz ficar ainda mais enraivecido quando o casal decide chamar uma ambulância devido ao seu estado de embriaguez. Ao ofender a mulher do turista, ele recebe um soco. Logo após o incidente com o casal, o pai índio se aproxima de outro homem branco e grita que ele deseja um pouco de respeito. Ao final da conversa entre o homem branco e o pai índio, o homem pede que ele mostre fotos de seu filho, então Zits tem uma grande surpresa ao ver que a foto mostra um garoto de cinco anos de idade, que tem o seu rosto.

Eu olho para a foto. Sou eu. Zits com cinco anos de idade. [...] Eu caminho até um caminhão de entregas e me olho no espelho lateral. Eu olho para o meu rosto sangrando. Eu sou mais velho do que eu sou. Eu estou machucado, arroxado e quebrado. **Mas eu sei quem eu sou.** (p.150) (grifo meu)

A reconciliação de Zits com sua própria identidade sinaliza uma mudança significativa quanto ao destino dos personagens de Sherman Alexie. Se nos primeiros poemas/contos e romances, muitos dos personagens tinham como *locus* da enunciação a reserva, nas últimas antologias de contos tais como *The Toughest Indian in the World* (2000) e *Ten Little Indians* (2003) os personagens apesar de conviverem maritalmente com pessoas de grupos étnicos diferentes, ainda experimentam conflitos nas relações inter-raciais. Em *Flight*, entretanto, o narrador autodiegético não apenas narra a história como também testemunha diferentes períodos históricos, possibilitando um processo de recuperação do seu passado índio. A mobilidade do narrador durante toda a narrativa ilustra/espelha a tendência nômade dos índios, sendo que a constante troca de identidades de Zits confirma uma tendência no mundo global de vivenciar múltiplas situações.

Zits intui desde a sua infância problemática que os conflitos relacionados com as identidades híbridas como a dele (filho de mãe irlandesa e pai índio) são uma constante em nações multiculturais como os Estados Unidos, em que os fluxos migratórios internos e externos propiciam casamentos inter-raciais e uma produção literária que privilegia os grupos étnicos. Ao revisitar o passado dos movimentos indígenas, das batalhas dos índios contra os brancos em Little Bighorn, de vivenciar o massacre de crianças brancas e índias, de experimentar a dor e indignação de seu pai índio, Zits pode ser considerado um anti-herói bem sucedido na sua epopéia em busca da identidade per-

dida. Se não há meios de se apagar os traumas do passado, a narrativa de cunho testemunhal e confessional de Zits/Alexie acena para uma conexão com locais, pessoas e sentimentos, que anteriormente não faziam parte do mundo ficcional do autor. Como o próprio Alexie afirma em uma entrevista e que de certa forma, serve para seus personagens, “Eu não sou mais um índio da reserva. Eu não quero ser extraordinário, ou exótico” (NYGREN, 2005, p. 168).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXIE, Sherman. *Flight*. Nova Iorque: Black Cat, 2007.
- ALLEN, Paula Gunn. *Song of the turtle: American Indian Literature, 1974-1994*. Ballantine Books, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. (A teoria do romance). 4ª edição. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: UNESP, 1998.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Tradução de Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1970.
- CULLER, Jonathan. *The Pursuit of Signs*. Semiotics, literature, deconstruction. London, New York: Routledge, 2001.
- HALL, Stuart. The Question of Cultural Identity. In: HALL, Stuart; HELD, David; MCGREW, Tony (Eds). *Modernity and Its Futures*. Cambridge: Polity Press & Open University, 1996.
- NYGREN, Ase. A World of Story-Smoke: A Conversation with Sherman Alexie. *Melus*, v.30, n.4, inverno 2005. p.149-169.